

OLIVEIRA NETO, Godofredo de. *O bruxo do Contestado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. 205p.

A região oeste de Santa Catarina, na divisa com o Paraná, foi alvo de disputa entre esses dois Estados, desde a época imperial, na demarcação de suas fronteiras. Durante a primeira década deste século, quando o regime republicano enfrentava os momentos iniciais de sua afirmação, instalou-se na área em litígio um movimento de caráter messiânico, em muito semelhante ao que foi vivenciado em Canudos, no Nordeste brasileiro. Pregando a igualdade social, vislumbrando um reino de justiça divina e opondo-se à República, pequenos camponeses e muitos miseráveis, remanescentes da grande exploração dos latifúndios e das indústrias madeireiras locais, foram montando os chamados "quadros santos", ou seja, a ocupação de vilarejos nos moldes de seu ideário.

Inicialmente, a movimentação e organização dos religiosos serviu de pretexto para novos ataques entre as milícias catarinenses e paranaenses, que viam nos fiéis, reciprocamente, uma ameaça de expansão. O governo federal acabou dando ganho de causa ao Estado de Santa Catarina mas, em 1912, decidiu intervir diretamente na região em nome da defesa dos princípios republicanos: era o começo de uma das mais sangrentas guerras vivenciadas no sul do Brasil, batizada com o mesmo nome como ficou conhecido o lugar da antiga rivalidade política – a Guerra do Contestado.

Milhares foram os mortos e feridos nesse conflito que, estendendo-se por quatro anos, teve o mesmo final trágico do levante de Antônio Conselheiro, o qual foi derrotado, mas não se rendeu diante das tropas governistas. Porém, se Canudos teve

seu registro histórico, e até mesmo ficcional, a Guerra do Contestado permaneceu durante muito tempo afastada das páginas da historiografia oficial brasileira. Resgatar sua memória é um dos objetivos que move a escrita desse romance de Godofredo de Oliveira Neto, na esteira pós-moderna da metaficção historiográfica.

A começar pelo permanente questionamento da possibilidade de reconstrução da história, passando pelas fronteiras sempre imprecisas entre história e ficção, memória e relato verídico, passado e presente e, em última instância, chegando à problemática das reverberações do vivido apontando para um futuro de não menor indefinição, vão-se descortinando os muitos territórios contestados presentes na obra enfocada.

Jogando com uma duplicidade constante que se faz presente na própria estruturação narrativa, apontada desde o princípio pelas epígrafes que dela fazem parte, *O bruxo do Contestado* tem seu desenvolvimento precedido por uma “Nota aos Leitores”, na qual fica-se sabendo que a história estava escrita em um caderno encontrado em um antigo casarão da Avenida Paulista. Entremeadado por folhas avulsas de um provável bloco de hotel, o caderno é de autoria de uma ex-militante política que, exilada durante o tempo da ditadura militar, retorna ao Brasil, no começo dos anos oitenta, para deixar o registro de sua vida, limitada, no tempo presente do que é contado nas folhas avulsas, a uns poucos meses de existência, por ser vítima de uma leucemia fatal.

Na composição de suas memórias, Tecla, a autora-personagem e virtual narradora do romance, volta-se para o tempo de sua infância passada em Diamante, cidade do interior catarinense, durante a década de quarenta, quando se vivia a ditadura do Estado Novo de Vargas, a eclosão e as transformações advindas da Segunda Guerra Mundial. Nesse período, ainda ecoavam os ideais que mobilizaram a Guerra do Contestado, desenvolvida nas proximidades de Diamante e que, de uma forma ou outra, vem seguidamente à tona na realidade cotidiana de seus habitantes. Dentre eles destaca-se a família dos Rünnel, os verdadeiros protagonistas do relato – Gert, Jutta, sua esposa, e Rosa, a filha do casal.

No decorrer da obra, a narração torna explícito o paralelismo entre a vivência da autora do caderno e as da

personagem principal que dá título à obra: Gert, o bruxo do Contestado. Trata-se de um homem atormentado, que não aceita as limitações de sua existência, mas que também não possui nenhum ideal mais claro, um objetivo a perseguir, além do seu desejo de que, um dia, sua cidade venha a ser o palco de um novo Contestado. No plano da construção de uma outra utopia, igualmente Tecla sonhou e lutou por um país onde a justiça social fosse uma realidade.

Na tessitura da escrita, novos duplos vão se pluralizando e na textualização de uma vida que se duplica vai-se erigindo uma ponte, sobre os frágeis pilares de uma memória individual e coletiva, que tenta ligar os tênues fios do passado, presente e futuro.

Longe de qualquer linearidade simplista, sobrepondo variados planos narrativos e instigando uma leitura que vai descobrindo sempre novos sentidos e possibilidades interpretativas, *O bruxo do Contestado* revela-se como importante romance no cenário da literatura brasileira contemporânea, além de cobrir uma lacuna, lastimável, da nossa historiografia. Não é à toa que se encontra, em sua última página, um derradeiro indicativo: este é “um livro de pura ficção”.

Inara Rodrigues
Doutoranda em Letras – PUCRS